

I

A Bertolini

— A Signora não podia fazer uma coisa destas — disse a menina Bartlett —, de maneira nenhuma. Tinha-nos prometido quartos para sul com vista, e juntos. E em vez disso estamos em quartos para norte, isto são quartos para norte, dão para um pátio e estão muito separados. Oh, Lucy!

— E além disso é *cockney*¹! — disse Lucy, que tinha ficado ainda mais escandalizada pelo inesperado sotaque da Signora. — É como se estivéssemos em Londres. — Olhou para as duas filas de ingleses sentados à mesa, para a fila de garrafas de água e de vinho tinto que corriam entre eles, para os retratos da falecida Rainha e do falecido Poeta Laureado pendurados atrás, com pesadas molduras, para a nota da igreja Anglicana (Rev. Dr. Cuthbert Eager, Oxford), que era a outra única decoração da parede. — Charlotte, não tem também a sensação de que podíamos muito bem estar em Londres? É-me difícil acreditar que lá fora as coisas sejam muito diferentes. Deve ser por estar tão cansada.

— Esta carne com certeza que já foi usada para sopa — disse a menina Bartlett, largando o garfo.

— Eu queria ver o Arno. Os quartos que a Signora nos prometeu na sua carta dariam para o Arno. A Signora não podia fazer-nos uma coisa destas. Não há direito!

— A mim, qualquer canto me serve — prosseguiu a menina Bartlett —, mas acho realmente uma pena que tu não tenhas um quarto com vista.

Lucy sentiu que tinha sido egoísta. — Charlotte, não me trate com tantos mimos. A Charlotte também merece ter vista para o Arno. Isso mesmo. O primeiro quarto que vagar para a parte da frente...

— Será para ti — disse a menina Bartlett, a quem a mãe de Lucy pagava parte das despesas de viagem, uma generosidade a que ela fazia muitas delicadas referências.

— Não, não, será para a Charlotte.

— Insisto. A tua mãe nunca me perdoaria, Lucy.

— Nunca me perdoaria a *mim*.

As vozes das senhoras animaram-se e — para falar verdade — tornaram-se um pouco insistentes. Estavam cansadas e, sob o disfarce da generosidade, brigavam. Alguns dos companheiros de mesa trocaram olhares e um deles — uma daquelas pessoas mal-educadas que às vezes se encontram no estrangeiro — curvou-se para a frente sobre a mesa e meteu-se na discussão. Disse:

— O meu quarto tem, o meu tem vista.

A menina Bartlett teve um sobressalto. Geralmente nas pensões as pessoas olhavam-se durante um dia ou dois antes de meterem conversa e muitas vezes só descobriam que «deveriam» fazê-lo depois de terem partido. Sabia que o intruso era mal-educado mesmo antes de ter olhado para ele. Era um homem idoso, forte, com um rosto claro e bem barbeado e os olhos grandes. Havia qualquer coisa infantil naqueles olhos, embora não fosse a infantilidade da senilidade. A menina Bartlett não se deteve a pensar no que poderia exactamente ser porque o seu olhar se desviou para a sua maneira de vestir, que não lhe agradou nada. Provavelmente ele estava a tentar travar conhecimento com elas antes de elas estarem bem ao corrente de tudo. Assim, quando ele lhe falou ela assumiu uma expressão confusa e disse: — Vista? Oh, a vista! É uma vista encantadora!

— Este aqui é o meu filho — disse o ancião —, chama-se George. O quarto dele também tem vista.

— Ah! — disse a menina Bartlett, sofrendo Lucy, que estava prestes a falar.

— O que eu quero dizer — continuou ele — é que podem ficar com os nossos quartos, e nós ficamos com os vossos. Uma troca.

Os turistas de classe mais alta ficaram chocados e tiveram pena dos recém-chegados. A menina Bartlett, em resposta, abriu a boca o menos possível e disse:

— Muito obrigada, mas nem pensar nisso.

— Porquê? — perguntou o ancião, com os dois punhos na mesa.

— Porque nem pensar nisso, obrigada.

— Deve compreender, não gostamos de aceitar... — começou Lucy.

A prima conteve-a de novo.

— Mas porquê? — insistiu ele. — As mulheres gostam de olhar para a vista e os homens não. — Bateu com os punhos como um rapazinho travesso e virou-se para o filho: — George, convence-as!

— É óbvio que ficarão com os nossos quartos — disse o filho. — Não há mais nada a dizer.

Não olhou para elas enquanto falava, mas a sua voz era perplexa e triste. Lucy também estava perplexa, mas viu que estavam metidas naquilo que se chama «uma cena» e teve a estranha sensação de que, dissessem o que dissessem aqueles turistas malcriados, o caso continuaria e aprofundar-se-ia até deixar de ser sobre vistas e quartos, mas sobre... bem, sobre qualquer coisa completamente diferente, em que ela nunca tinha pensado antes. Agora o ancião atacou a menina Bartlett quase violentamente: porque é que ela não queria trocar de quarto? Que possível objecção tinha? Eles retirariam as suas coisas em meia hora.

A menina Bartlett, embora perita em habilidades de conversa, sentia-se impotente ante semelhante brutalidade. Era impossível pôr no seu lugar uma pessoa tão grosseira. O seu rosto corou com desagrado. Olhou à volta como se dissesse: «Vocês são todos assim?» E duas velhotas sentadas mais adiante, com os xailes nas costas das cadeiras, olharam para ela, indicando claramente: «Nós não somos, nós somos bem-educadas.»

— Come, querida — disse a menina Bartlett a Lucy, e começou a mexer distraidamente a carne que tinha censurado antes.

Lucy murmurou que aquela gente em frente parecia muito estranha.

— Come, querida. Esta pensão é um desastre. Amanhã mudamo-nos.

Mas anulou esta drástica decisão mal a tinha anunciado. Os reposteiros ao fim da sala abriram-se e revelaram um sacerdote, gordo mas atractivo, que correu a ocupar o seu lugar à mesa, alegremente, pedindo desculpa por ter chegado tarde. Lucy, que ainda não tinha adquirido maneiras, pôs-se logo de pé e exclamou: — Oh, oh! Mas é o senhor Beebe! Que bom! Veja, Charlotte, agora temos de ficar, mesmo que os quartos sejam maus. Oh!

A menina Bartlett disse, com mais comedimento:

— Como está, senhor Beebe? Julgo que já se esqueceu de nós, menina Bartlett e menina Honeychurch. Estávamos em Tunbridge Wells quando o senhor ajudou o vigário de St. Peter naquela Páscoa muito fria.

O clérigo, que tinha o ar de estar de férias, não se lembrava delas tão claramente como elas se lembravam dele. Mas avançou bastante satisfeito e aceitou a cadeira que Lucy lhe indicou.

— *Estou* tão contente de o ver — disse a rapariga, que se encontrava num estado de fome espiritual e teria ficado contente de ver o criado se a prima lho permitisse. — Como o mundo é pequeno. E Summer Street também o torna especialmente divertido.

— A menina Honeychurch vive na paróquia de Summer Street — disse a menina Bartlett, preenchendo o vazio — e acontece que ela me disse por acaso que o senhor acaba de aceitar...

— Sim, ouvi a minha mãe falar disso na semana passada. Ela não sabia que eu o tinha conhecido em Tunbridge Wells, mas eu mandei-lhe logo uma carta e disse: «O senhor Beebe é...»

— Exacto — disse o clérigo. — Mudo-me para a reitoria de Summer Street em Junho próximo. Tenho sorte de ter sido nomeado para um bairro tão encantador.

— Oh, estou tão contente! O nome da nossa casa é Windy Corner. O senhor Beebe fez uma vénia.

— Normalmente está lá a minha mãe e eu, e o meu irmão, embora não seja frequente que o possamos levar à i... isto é, a igreja é um bocado longe.

— Querida Lucy, deixa o senhor Beebe jantar.

— Estou a jantar, obrigado, e a apreciá-lo.

Preferia conversar com Lucy, cuja execução musical recordava, do que com a menina Bartlett, que provavelmente recordava os seus sermões. Perguntou à rapariga se conhecia bem Florença e foi informado pormenorizadamente de que ela nunca lá tinha estado antes. É delicioso aconselhar um novato e ele era o primeiro.

— Não se esqueça dos arredores — concluiu. — Na primeira tarde bonita vá até Fiesole e dê a volta por Settignano, ou mais ou menos.

— Não! — gritou uma voz do fundo da mesa. — Está enganado, senhor Beebe. Na primeira tarde bonita essas senhoras têm de ir a Prato.

— Aquela senhora parece tão inteligente — murmurou a menina Bartlett à prima. — Estamos com sorte.

E, realmente, uma autêntica corrente de informação caiu sobre elas. Disseram-lhes o que haviam de ver, quando o haviam de ver, como mandar parar os carros eléctricos, como verem-se livres dos mendigos, quanto dar por um mata-borrão, como o lugar as dominaria. A Pensão Bertolini decidiu quase entusiasticamente o que elas haviam

de fazer. Para onde quer que se virassem, havia senhoras amáveis que lhes sorriam e as aconselhavam. E por cima de todas erguia-se a voz da senhora inteligente, que gritava: — Prato! Têm de ir a Prato. É um lugar demasiado agradavelmente sórdido para se poder descrever. Eu adoro-o. Delicio-me abandonando os obstáculos da respeitabilidade, como sabe.

O jovem chamado George olhou para a senhora inteligente e regressou taciturnamente ao seu prato. Era óbvio que ele e o pai não encaixavam. Lucy, no meio do seu êxito, encontrou tempo para desejar que encaixassem. Não lhe causou nenhum prazer especial que alguém fosse deixado de fora e, quando se levantou para sair, virou-se e fez aos dois marginalizados uma pequena vénia nervosa.

O pai não a viu, o filho confirmou-a, não com outra vénia mas levantando as sobranceiras e sorrindo. Parecia estar a sorrir através de qualquer coisa.

Ela correu atrás da prima, que já tinha desaparecido atrás do reposteiro, reposteiro que batia na cara das pessoas e parecia mais pesado do que o simples tecido. Do outro lado encontrava-se a Signora que não inspirava confiança, dando as boas noites aos seus hóspedes com uma pequena vénia e acompanhada por 'Enery, o filho pequeno, e por Victorier, a filha. Perfazia uma pequena cena curiosa, esta tentativa de a *cockney* transmitir a graça e a jovialidade do Sul. E ainda mais curiosa era a sala de visitas, que tentava rivalizar com o conforto sólido de uma pensão de Bloomsbury. Aquilo era realmente a Itália?

A menina Bartlett já estava sentada numa cadeira de braços firmemente estofada com a cor e os contornos de um tomate. Estava a conversar com o senhor Beebe e, ao falar, a sua cabeça comprida e estreita andava para trás e para a frente, lentamente, regularmente, como se estivesse a demolir um obstáculo invisível qualquer.

— Estamos-lhe muito gratas — dizia ela. — A primeira noite é tão importante. Quando o senhor chegou estávamos preparadas para um peculiar *mauvais quart d'heure*².

Ele manifestou o seu pesar.

— Sabe por acaso o nome de um ancião que estava sentado à nossa frente ao jantar?

— Emerson.

— É seu amigo?

— Temos relações amistosas, como acontece nas pensões.

— Então calo-me.